



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de entrega do Prêmio
Inter American Leadership da Pan American
Development Foundation*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 12 DE MAIO DE 1997

Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente da República, Dr. Marco Maciel; Senhor Secretário-Geral da OEA, César Gaviria; Senhores Ministros de Estado; Senhor Senador Sarney, Presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado; Senhores Membros do Corpo Diplomático; Senhor Diretor-Executivo da Fundação Pan-americana de Desenvolvimento; Senhor Presidente do Conselho de Diretores da Fundação, Jorge Rios; Senhoras e Senhores,

Em primeiro lugar, os agradecimentos. Mas os agradecimentos, aqui, têm que ser na mesma proporção da generosidade, tanto daqueles que conferiram o prêmio quanto daqueles que vieram aqui, a Brasília, para nos saudar, neste momento. E é difícil.

Eu queria apenas lhes dizer que as palavras tão estimulantes que ouvi dos que me antecederam eu as tomo como um estímulo e como um reconhecimento, não diretamente ou apenas da contribuição que eu possa estar dando ao meu país e às Américas, no sentido de nós outra vez termos condições de olhar para um horizonte de maior prosperidade dentro da democracia e de maior igualdade; mas eu as tomo como a expressão de todo um movimento que ocorreu neste Brasil, que

permitiu que, progressivamente, nós nos colocássemos – espero eu – à altura dos desafios do nosso tempo.

Aqui, citou-se o esforço havido em momentos anteriores do Brasil. Pois bem, foram muitos os esforços. Ninguém inicia um processo histórico... A História tem seu peso, tem sua densidade, tem seu dinamismo. Depois da redemocratização do Brasil, fui líder do Governo. E o Presidente, então, era o, hoje, Senador José Sarney, que nos ajudou naquela fase difícil, momento bastante difícil, em que tínhamos que reorganizar o futuro do Brasil. O Vice-Presidente, que está aqui, sentado, foi meu colega no Senado e, muitas vezes, nos opusemos. Éramos líderes de partidos que, freqüentemente, estavam em discussão. Mas nós conseguimos, nós soubemos – não nós três, mas nós muitos do Brasil –, soubemos reatar fios, olhar para o futuro e criar forças para que pudéssemos, efetivamente, levar adiante um trabalho grande de transformação deste país.

Houve muitos momentos difíceis, momentos de apreensão na área econômica. Aqui foi mencionada a crise da dívida externa. Eu nunca terei de me esquecer da manhã em que fui tomar café com o então Presidente da República, José Sarney, que me informou que nós íamos para a moratória, por razões técnicas, porque não tínhamos como enfrentar as nossas dívidas lá fora; e me encarregou de fazer uma reunião com os líderes políticos do Congresso. Eu estava junto com o Deputado Santana, que era Líder do Governo. Eu era Líder do MDB. E entre os Líderes que chamei, porque estávamos todos os Líderes, estava quem depois foi meu opositor, Lula.

E foi nesse ambiente de diálogo permanente com todas as forças que nós fomos, pouco a pouco, construindo um país capaz de levar adiante as transformações que se impõem. Superamos essa dificuldade. Tentamos aprender como domar a inflação. Houve vários planos, o Plano Cruzado, o Plano Verão, o Plano Bresser, enfim, vários planos, até que fosse possível, com o Plano Real, nós, realmente, termos as condições não apenas técnicas, mas políticas e de compreensão da sociedade também, para que pudéssemos superar uma inflação que só não se chamava de hiperinflação porque nós já estávamos acostumados a níveis de

inflação de 20, 30, 40% ao mês, o que já estava tornando a administração, realmente, uma impossibilidade.

De modo que, se, hoje, posso fazer alguma coisa por este país e por essa integração dos nossos povos da América, é porque esse povo brasileiro, no seu conjunto, foi capaz de aprender, sobretudo de ter uma grande capacidade de respeito mútuo e de tolerância, sem os quais não se avança. E nós conseguimos, então, criar sempre forças e vislumbrar no horizonte alguma esperança.

É verdade que, hoje, a situação do nosso país, comparada com a de outros momentos, é bastante mais sólida e mais cômoda, em que se pode, realmente, dizer que temos rumo e se pode, realmente, apontar caminhos com a certeza de que serão percorridos de maneira afirmativa. Mas nós ainda temos grandes desafios pela frente. Alguns deles não poderão ser enfrentados sequer no âmbito doméstico, no âmbito nacional. Conseguimos fazer – e, há pouco, conversávamos sobre isso – uma instituição ou uma quase instituição, uma vontade coincidente, que é o Mercosul. O Mercosul é um marco – aqui foi dito, e é verdadeiro.

E ainda me recordo do primeiro encontro, em que estive presente, do Presidente Alfonsín, aqui, em Brasília, com o Presidente Sarney, a respeito do começo da existência da possibilidade de um entendimento entre o Brasil e a Argentina no plano econômico. Éramos todos, mesmo os mais entusiastas – sempre fui muito argentinófilo –, mesmo os mais entusiastas, éramos todos céticos. Pois bem, hoje, é uma realidade absolutamente tranqüila o Mercosul.

Talvez, hoje, alguns tenham o mesmo ceticismo com relação à Alca, à integração hemisférica. Mas nós somos confiantes. Acredito que, nas reuniões que faremos agora, em Belo Horizonte, nesta mesma semana, vamos colocar sobre a mesa as questões básicas. Um país que tem o peso do Brasil, que tem o peso do México, da Colômbia, da Argentina, do Chile, enfim, os países sul-americanos, juntamente com os Estados Unidos e com o Canadá, têm a obrigação de dizer a que vêm, quais são as questões, com toda a fraternidade. E, com toda a fraternidade, temos a obrigação de dizer que a integração hemisférica depende muito mais da capacidade que tenham os países do Norte de abrir os mercados,

efetivamente, para aqueles setores de que precisamos do que da nossa disposição, do Sul, de integração.

A integração, no mundo contemporâneo, não se dá mais por adesão, se dá por negociação. E negociação é ponto a ponto, é caso a caso, levantando cada qual os seus interesses e buscando fórmulas que levem ao proveito mútuo. Não há boa negociação senão quando os vários lados envolvidos ganham. Acredito que nós teremos a capacidade política de, ao mesmo tempo, defender, com muita tranquilidade, um caminho que interessa ao desenvolvimento industrial do Brasil, à integração no Mercosul, ao Pacto Andino, ao Nafta, e conformando esse mercado hemisférico de uma maneira positiva, sempre embasados na idéia da democracia, sempre acreditando que a democracia é fundamental e que, portanto, o respeito às opiniões e aos interesses de cada um dos participantes desse mecanismo é condição fundamental também.

Mas, indo além de uma negociação exclusivamente comercial, eu tenho tido contatos com o Presidente Clinton, com quem tenho as melhores relações e não me canso de dizer e de proclamar isso, porque é verdadeiro, porque sempre fui recebido de maneira muito cordial, muito generosa, quando estive com ele, e tenho dito a ele que me parece que nós temos obrigação de ir além das tarifas, das aranceles. As tarifas são muito importantes. Elas permitem que os empresários se entendam, mas não fazem com que os povos se unam. E nós precisamos de um cimento entre os nossos povos. E esse cimento é o social – aqui já foi dito –, é a educação, é a saúde, é o empenho efetivo de maior igualdade nas nossas sociedades, internamente, em cada uma delas, e entre os nossos países, que são ainda bastante desiguais.

Eu acredito que a visão americana, no melhor sentido, é uma visão que leva, junto com ela, esses aspectos, de busca de entendimento negociado, para os nossos interesses econômicos, e sobretudo isso de uma vontade muito férrea de diminuir as desigualdades e de olhar para o lado social com muito afinco; e, sobretudo, para a educação que, certamente, é um instrumento fundamental, hoje, para maior igualdade amanhã e para um maior desenvolvimento industrial.

Educação, ciência, tecnologia constituem, realmente, o decisivo. E eu acredito que nós, das Américas, teremos a grandeza de, representando os nossos povos, colocar em primeiro lugar essa vontade efetiva de uma fraternidade baseada em melhores oportunidades para todos, de maior igualdade entre os nossos países e, internamente, dos nossos povos.

Eu queria lhes dizer que me sensibilizei bastante pela maneira como ofereceram a mim esse galardão e por me considerar, através da Fundação, como alguém que merece receber um prêmio de liderança interamericana. Mas eu queria lhes dizer que o que me tocou foi, sobretudo, o espírito dessa Fundação, que é um espírito que tem a ver com a organização, a partir do voluntariado, das comunidades, da pequena obra.

Acho que nós, brasileiros, estamos começando agora a divisar um novo momento, nesse aspecto da nossa História, um momento em que a escassez de recursos do passado começa a dar lugar à existência de alguns recursos. E esse momento é tão difícil quanto o anterior. Diante da escassez, todos nos juntamos e buscamos solidariedade, para proclamar que necessitamos mais. Quando começa a haver recursos, nós não podemos deixar essa solidariedade de lado. Em vez de proclamar, simplesmente, que precisamos mais, temos que nos perguntar como melhor gastar; como fazer para que, efetivamente, os recursos disponíveis, que ainda são escassos, atinjam a quem necessita; como criar um sistema de capilaridade que realmente penetre no conjunto da sociedade e permita que as camadas populares, que são as que mais necessitam, tenham, efetivamente, acesso aos recursos do Estado e aos recursos daqueles que se organizam, na sociedade, para mudar a vida cotidiana.

Esse passa a ser, daqui para a frente, um desafio semelhante ao desafio, que não desaparecerá, do crescimento econômico. As reformas que foram citadas aqui não são apenas para fortalecer o mercado. Seria pouco. Assim como eu disse que é pouco discutir a integração em termos de tarifas, é muito pouco pensar num país, num projeto de uma nação em termos somente do crescimento econômico. Ele só se faz, efetivamente, quando existem as outras dimensões, desde a ética até a solidariedade social prática, que implica a criação e a institucionalização de mecanismos de solidariedade; que implica fazer com que os

recursos disponíveis atendam às necessidades efetivamente existentes na sociedade e não fiquem cristalizados e controlados apenas pelos grupos de privilégio, apenas pelos grupos de poder, apenas pelos grupos que estão situados na banda melhor do mercado.

O mercado, numa visão social, que é a que nós temos, é um mercado que atinge a todos, um mercado que tem de chegar aos despossuídos; e, mais ainda, que não se esgota na ação econômica, porque requer uma ação de solidariedade mais ampla.

Eu creio que é esse o sentido dessa Fundação. E o trabalho que ela tem feito, no Brasil e nos outros países, vai nessa direção.

Pois bem, como Presidente desta República, como homem, estive sempre voltado para os problemas, não só do meu país, mas das Américas. Efetivamente, assim fui, como até alguém que, quem sabe, por azares do destino, conviveu amplamente com os americanos em geral, com os Estados Unidos, com o México, com a Colômbia, com a Venezuela, com o Peru, com o Chile, com a Argentina, com o Uruguai. Com muitos mais, até, do que esses países. Estive vivendo lá, em muitos deles, dei aula, fui aluno. Convivi com eles durante décadas, como alguém que tem, portanto, um sentimento profundamente mais amplo do que simplesmente o sentimento local e que sente esse conjunto. Uma pessoa que está, portanto, absolutamente solidária com essas idéias.

Quero terminar por lhes dizer dessa idéia que está renascendo, da possibilidade de nós nos olharmos uns aos outros como americanos, latino-americanos, anglo-americanos, afro-americanos, indo-americanos, mas como americanos, como uma ponte que nos une a todos. Tenho a impressão de que o sentimento que realmente nos vai levar a essa integração está baseado no nosso amor à democracia e no nosso sentimento de que há muita injustiça ainda. E que, sem mudança da injustiça, sobretudo da injustiça social, nós não teremos condições efetivas de fazer com que esse espaço abençoado se transforme num espaço de irmandade.

Mas nós temos força, temos esperança e temos convicção de que, caminhando com firmeza, conseguiremos fazer com que os ideais, que são os dessa Fundação, sejam a prática cotidiana no nosso Continente.

Eu agradeço muito.